

Educação patrimonial, renascença psicodélica e cultura mazateca¹

Danilo Melo de Moraes Carvalho (UEFS/Br)

RESUMO

A renascença psicodélica abre, para o campo da educação patrimonial, a possibilidade de inventariarmos culturas de uso de substâncias psicoativas, historicamente marcadas pela perspectiva proibicionista a partir do Século XX. O que renasce a partir do século XXI, traz à tona o que, para o contexto indígena mazateco de Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, é memória de extrativismo científico e de impacto do turismo psicodélico, com investimentos importantes nas pesquisas contemporâneas sobre o uso da psilocibina, no *mainstream* da medicina e da psicologia. Este relato de experiência discute uma aproximação ao campo de pesquisa, na área de educação patrimonial, sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico mazateco em Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, a partir do inventário cultural participativo. A primeira parte do texto, fruto de revisão conceitual, aborda a renascença psicodélica partir das memórias de extrativismo dos bens culturais mazatecos em Huautla de Jiménez, México, entre os anos de 1950 e 1970 e a partir de alternativas contemporâneas à hegemonia do renascimento psicodélico médico. A segunda parte do texto apresenta o relato de aproximação ao campo empírico em 2025, em Huautla de Jiménez, a partir da qual emerge a questão sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico mazateco, como objeto de pesquisa colaborativa em educação patrimonial, envolvendo escolas públicas locais e detentores e detentoras de saberes mazatecos. A terceira parte do texto apresenta o resultado da revisão de literatura indicada em Huautla de Jiménez, por interlocutores e interlocutoras locais, para acessar às problematizações mexicanas sobre contexto mazateco, a partir de categorias como “comercialização”, “modernização” e “evangelização”. Na aproximação ao campo empírico, a abordagem para venda de fungos evidenciou como eu era visto pelo contexto e apresentou cogumelos com o pileo (chapéu) ainda fechados, bem como cogumelos em conserva, gerando a hipótese de impacto ambiental por coleta precoce, ameaçando, talvez, a sustentabilidade do extrativismo. A oficina de educação patrimonial, construção de mapas de referências culturais mazatecas possibilitaram análises das ameaças à sua sustentabilidade da cultura mazateca, especialmente os rituais de cura com cogumelos e as formas de expressão associadas à celebração do *Dia de Los Muertos*. As considerações finais retomam a memória do extrativismo cultural e a demonização contemporânea dos bens culturais mazatecos a partir de processos de evangelização, bem como a preocupação sobre a insuficiente valorização escolar dos bens culturais mazatecos, em Huautla de Jiménez.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Renascença psicodélica; Cultura Mazateca.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026), no GT 057, de autoria de Danilo Melo de Moraes Carvalho, docente no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: dmmcarvalho@uefs.br

ABSTRACT

The psychedelic renaissance opens up, for the field of heritage education, the possibility of inventorying cultures of psychoactive substance use, historically marked by a prohibitionist perspective from the 20th century onwards. What is reborn in the 21st century brings to light what, for the Mazatec indigenous context of Huautla de Jiménez, Oaxaca, Mexico, is a memory of scientific extraction and the impact of psychedelic tourism, with significant investments in contemporary research on the use of psilocybin in the mainstream of medicine and psychology. This experience report discusses an approach to the field of research in heritage education on what hinders the sustainability of Mazatec ethnic belonging in Huautla de Jiménez, Oaxaca, Mexico, based on participatory cultural inventory. The first part of the text, resulting from a conceptual review, addresses the psychedelic renaissance based on memories of the extraction of Mazatec cultural assets in Huautla de Jiménez, Mexico, between the 1950s and 1970s, and on contemporary alternatives to the hegemony of the medical psychedelic renaissance. The second part of the text presents an account of the approach to the empirical field in 2025, in Huautla de Jiménez, from which emerges the question of what hinders the sustainability of Mazatec ethnic belonging, as an object of collaborative research in heritage education, involving local public schools and holders of Mazatec knowledge. The third part of the text presents the result of the literature review indicated in Huautla de Jiménez by local interlocutors, to access Mexican problematizations about the Mazatec context, based on categories such as "commercialization," "modernization," and "evangelization." In approaching the empirical field, the approach to selling mushrooms revealed how I was perceived by the context and presented mushrooms with their caps still closed, as well as preserved mushrooms, generating the hypothesis of environmental impact from premature harvesting, perhaps threatening the sustainability of extractive practices. The heritage education workshop, constructing maps of Mazatec cultural references, enabled analyses of the threats to the sustainability of Mazatec culture, especially the mushroom healing rituals and the forms of expression associated with the Day of the Dead celebration. The final considerations revisit the memory of cultural extractivism and the contemporary demonization of Mazatec cultural assets stemming from evangelization processes, as well as the concern about the insufficient school valuation of Mazatec cultural assets in Huautla de Jiménez.

Keywords: Heritage education; Psychedelic Renaissance; Mazatec culture.

Introdução

Este relato de experiência discute uma aproximação ao campo empírico para a construção de proposta de pesquisa, na área de educação e patrimônio cultural, sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico mazateco em Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, a partir do inventário cultural participativo.

Para tanto, o texto se divide em três partes. A primeira, intitulada “renascença psicodélica e memória mazateca”, é derivada de revisão bibliográfica e nela a “renascença psicodélica” é abordada a partir das memórias de extrativismo dos bens culturais mazatecos em Huautla de Jiménez, Oaxaca - México, entre os anos de 1950 e 1970 e a partir de alternativas (Peck, 2021; Benedito & Sanabria, 2024; Sanabria, 2025; Assis et al., 2026) à hegemonia do renascimento psicodélico médico (Sessa, 2012; Giffort, 2020).

A segunda parte do texto, intitulada, *Meter hongos, meter honguitos*, escrita em primeira pessoa, apresenta o relato de aproximação ao campo empírico em 2025, a partir de anotações em caderno de campo e dados gerados em oficinas de educação patrimonial e inventário de referências culturais mazatecos. O contexto do extrativismo e da oferta dos cogumelos em Huautla de Jiménez é um ponto de partida importante para a problematização sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico mazateco.

A terceira parte do artigo, intitulada “comercialização, modernização e evangelização”, apresenta o resultado da revisão de literatura indicada em Huautla de Jiménez, por interlocutores e interlocutoras locais, para acessar à compreensão mexicana do contexto mazateco.

As considerações finais retomam a memória do extrativismo cultural mazateco e a demonização cristã contemporânea dos rituais de cura com uso dos fungos e dos *Huehuentones*, uma forma de expressão cultural associada à celebração do *Dia de Los Muertos*, como exemplos de desafios contemporâneos à sustentabilidade do pertencimento étnico mazateco, a serem abordados pela pesquisa no campo da educação patrimonial.

1. Renascença psicodélica e memória Mazateca

Nessa etapa do texto, a “renascença psicodélica” será abordada a partir das memórias de extrativismo dos bens culturais mazatecos em Huautla de Jiménez, Oaxaca - México, entre

os anos 50 aos 70 e a partir de alternativas à hegemonia do renascimento psicodélico médico (Sessa, 2012; Giffort, 2020), a exemplo da abordagem da confluência e governança indígena (Assis et al, 2026), do reconhecimento da ciência indígena e adoção da confluência em vez do renascimento (Sanabria, 2025; Assis et al., 2026), do desprovinciamento da renascença psicodélica e das alianças Sul Sul (Benedito & Sanabria, 2024) e da integração de conhecimentos tradicionais, de pessoas negras e indígenas dos territórios, nas etapas da pesquisa (Peck, 2021).

1.1. Memória mazateca

Para uma breve introdução ao contexto do extrativismo dos cogumelos e saberes indígenas mazatecos de Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, vamos rememorar a história da relação entre Maria Sabina, a indígena curandeira mazateca e Gordon Wasson (Estrada, 1984), o banqueiro norte-americano.

Nas noites de 29 e 30 de junho de 1955, a indígena mazateca Maria Sabina apresentava seus rituais de cura com cogumelos, pela primeira vez, a um não indígena, Gordon Wasson, que além de retornar à serra em outras ocasiões para a extração de fungos e dos saberes da curandeira, a partir de técnicas de documentação audiovisual, tornou público os seus conhecimentos no mundo científico e na mídia de massa, publicando uma matéria na revista *Life*, em 1957, intensificando o fluxo de pessoas ao território mazateco a partir dos anos 60 e 70, para coletar e fazer uso dos cogumelos.

Cientistas removeram grandes quantidades de cogumelos da Serra Mazateca, entre as décadas de 50 e 60 e em seguida entre os anos 60 e 70, por coletores classificados como *hippies*, viajantes ou turistas. Impactos profundos marcaram a cultura mazateca, com continuidades que são discutidas neste relato de experiência. No livro “A Vida de Maria Sabina, a Sábia dos Cogumelos”, Alvaro Estrada (1984) cita reflexões da sábia sobre a chegada dos estrangeiros e os efeitos do uso indiscriminado dos cogumelos no “enfraquecimento do poder ritual”:

Mas, desde o momento em que os estrangeiros chegaram, para procurar Deus, os *meninos santos* perderam a pureza. Perderam a força, se estragaram. De agora em diante, não servirão mais. Não tem remédio. Antes de Wasson, eu sentia que os *meninos santos* me elevavam, já não sinto isso. A força diminuiu. Se Cayetano não tivesse trazido os estrangeiros... os *meninos santos* conservariam seu poder. (Apud Estrada, 1984, p. 111)

Reforçando a reflexão mazateca, Estrada (1984, p. 112) cita também Apolonio Terán, um poderoso sábio e curandeiro de Huautla de Jiménez, entrevistado em 1969, para complementar que “os cogumelos têm um espírito divino”, porém, “o estrangeiro chegou e afugentou-o e não somente o espírito divino foi profanado, mas também o nosso (dos mazatecos)”. Outro aspecto ressaltado como queixa de Maria Sabina foi a perda do respeito com os rituais de coleta:

A pessoa indicada para recolhê-los devia guardar abstinência sexual nos quatro dias anteriores. Nesses quatro dias, estava proibida de assistir a velórios, para evitar o ar contaminado dos defuntos. [...] Nestes últimos anos, qualquer um pode vê-los, e não se toma nenhum cuidado para colhê-los. (*Apud* Estrada, 1984, p. 112)

Maria Sabina, segundo Estrada, considerava que os cogumelos não podiam ser vistos por olhos humanos antes da coleta, feita em lugares distantes, onde a vista humana não alcançava. Segundo Estrada, ela reclamava que a chegada dos estrangeiros profanou essa prática sagrada. Como consequência do uso indiscriminado, Maria Sabina reclama:

Nunca, que eu me lembre, os *meninos santos* foram comidos com tanta falta de respeito. Para mim, fazer veladas não é um brinquedo. Quem faz isso simplesmente para sentir os efeitos pode enlouquecer [...] Nossos antepassados sempre comeram os *meninos santos* em veladas presididas por sábios. O uso indevido que os jovens fizeram das *coisinhas* foi escandaloso. (*Apud* Estrada, 1984, p. 104)

Considerando o impacto sócioambiental que o extrativismo e a publicização geraram na Serra Mazateca, a situação de Maria Sabina passou a ser alvo de perseguição, roubo e violência, por pessoas da sua própria comunidade, acreditando que a sua fama lhe rendia dinheiro, ou culpando por haver revelado informações da cultura Mazateca. Ela conta que sua casa foi incendiada, possivelmente por revelar o segredo ancestral:

E embora eu seja a mulher limpa, a Polichinela principal, a maldade existiu contra mim. Certa vez, queimaram minha casa de sete braças de comprimento. [...] Algumas pessoas pensaram que era porque eu tinha revelado o segredo ancestral de nossa medicina nativa aos estrangeiros. (*Apud* Estrada, 1984, p. 96)

Estrada relata que ao final da vida, Maria Sabina estava solitária e sofrendo de saúde pelas condições precárias em que vivia, já idosa.

Já estou velha. Meu corpo fica cada dia mais fraco; respiro com dificuldade, e já não vou com tanta frequência ao mercado de Huautla, porque me canso muito. [...] Agora, quando junto algum dinheiro, compro lenha e revendo aos vizinhos. Meu maior sonho nesses últimos anos foi ter uma vendinha, onde eu pudesse voltar a vender sabão, cigarros e refrescos aos viajantes; mas nunca tive dinheiro suficiente. (*Apud* Estrada, 1984, p. 100)

Essa discussão evidencia que o encontro com Wasson, embora tenha trazido fama internacional a Maria Sabina e para Huautla de Jiménez, resultou na desestruturação do sistema ritual mazateco, na degradação ambiental e na marginalização da própria sábia em sua comunidade. Maria Sabina, que faleceu em 1985 aos 91 anos como uma célebre xamã, poetisa, mazateca, viveu seus últimos dias em situação de pobreza e exclusão, dentro da sua própria comunidade. Huautla de Jiménez foi inscrita no roteiro do que Carneiro (2018) chama de “revolução psicoativa”:

A “revolução psicoativa” foi a generalização da descoberta, dos intercâmbios e da exploração dos recursos psicoativos do planeta. Algumas se tornaram commodities globais, outras não, permanecendo restritas a circuitos locais ou regionais (p. ex. a kava, o bétele, o cat ou o peiote) (Carneiro, 2018, p. 366)

Os cogumelos *psilocybes mexicana*, variedade da espécie *psilocybes cubensis*, extraídos de Huautla de Jiménez por Wasson, foram enviados em 1958 para estudo no laboratório *Sandoz*, em Basileia, na Suíça, por Albert Hofmann, que no mesmo ano isolou a psilocibina, um dos principais compostos químicos estudados durante os anos 50 e 60, até a política de proibição interromper as pesquisas, no início dos anos 70, devido ao pânico moral e à associação dos psicodélicos à contracultura. Um grupo de países, liderados pelos Estados Unidos, passou a classificar a psilocibina como droga de "Tabela I", sem uso médico e com alto potencial de abuso, a partir da Lei de Controle de Substâncias (*Controlled Substances Act*) assinada pelo presidente Richard Nixon.

Após mais de 40 anos de impacto na pesquisa, suspensa por conta do proibicionismo e diante da abertura² internacional para a sua retomada a partir dos anos 2000, com horizontes promissores para a indústria farmacêutica, o fenômeno da “renascença psicodélica”, marca o retorno das pesquisas com foco em terapia assistida, tratamento de depressão, compulsão, ansiedade e hiperatividade, a partir do uso do MDMA, LSD e psilocibina.

1.2. Para além do renascimento médico

Ben Sessa (2012), psiquiatra britânico, reconhecido por seu trabalho na área de psicofarmacologia e na pesquisa clínica com substâncias psicodélicas, especialmente com

² Dentre os acontecimentos mais importantes para a reabertura das pesquisas com psicodélicos foi o status de “terapia inovadora” concedida pela FDA, agência reguladora Norte Americana, para a psilocibina, em 2018, criando um fluxo de financiamento e consolidação de um rigoroso campo de pesquisas, em um movimento que recebe o nome de “renascença psicodélica”.

MDMA e psilocibina, escreveu o livro, “O renascimento psicodélico: reavaliando o papel das drogas psicodélicas na psiquiatria e na sociedade do século XXI”³.

Nestes tempos fascinantes, estamos vendo muitos elementos díspares da sociedade olhando 'para o futuro', voltando a observar os psicodélicos. Seja qual for a nossa afinidade — médicos, políticos, policiais, artistas, ravers, hippies ou pais preocupados influenciados por uma mídia popular dinâmica, porém frágil —, estamos vivenciando o que eu chamo de Renascimento Psicodélico. (Sessa, 2012, p. 6, tradução própria)

Sessa apresenta o fenômeno da renascença psicodélica como um campo atravessado por sujeitos diversos ao interesse da psiquiatria, a exemplo de povos e comunidades tradicionais com práticas que antecedem as científicas e coexistiram com elas. Apesar do autor apresentar de maneira multirreferenciada o acontecimento da renascença psicodélica, a agência central da sua narrativa é da psiquiatria, inclusive para legitimar práticas tradicionais, milenares, adjetivadas pelo mesmo como “vestígios arcaicos do passado”, oferecendo progresso para grupos rejeitados socialmente, como contribuição da autoridade médica.

Sem a validação da profissão médica, as drogas psicodélicas permanecerão como vestígios arcaicos do passado, difamadas como drogas recreativas de abuso e sujeitas a contínuas opiniões negativas. Da mesma forma, as pessoas que as usam - mesmo para fins psicoespirituais - permanecerão difamadas e rejeitadas pela sociedade. (...) O progresso para ambos os grupos virá de profissionais que atuam na área, adaptando-se a um paradigma conservador. Dessa forma, eles poderão fornecer ao público tratamentos importantes e também aumentar a visibilidade da expansão da consciência na sociedade em geral. (Sessa, 2012, p. 193, tradução própria)

A outra obra basilar sobre renascença psicodélica é o livro “Renascimento do ácido: a renascença psicodélica e a busca por legitimidade médica”⁴ (Giffort, 2020), da autora Danielle Giffort, médica, socióloga da ciência e cultura, dedicada à reemergência da pesquisa científica com psicodélicos. Reforçando a centralidade da psiquiatria, a autora define o fenômeno como uma retomada das pesquisas biomédicas, após anos de estagnação pelo proibicionismo:

A especificidade da renascença psicodélica se constitui, portanto, na fronteira entre subjetividade e objetividade, uma vez que os pesquisadores aliam o ideal de objetividade na pesquisa científica a uma ética de segurança e cuidado com o paciente. (Giffort, 2020, p. 70, tradução própria)

³ Tradução própria para: *The psychedelic renaissance: reassessing the role of psychedelic drugs in 21st century psychiatry and society*.

⁴ Tradução própria para: *Acid revival: the psychedelic renaissance and the quest for medical legitimacy*.

Se por um lado as contribuições do que podemos chamar de “renascença psicodélica médica” são importantes socialmente, com diversas universidades de prestígio em todo o mundo pesquisando “com o objetivo de ajudar no tratamento de pessoas ansiosas, deprimidas, compulsivas, traumatizadas e dependentes de substâncias” (Giffort, 2020, p. 03), por outro lado, nos dois livros, há uma hierarquia do saber médico como agente legitimador de confiabilidade social, para os usos dos psicodélicos, em oposição ao classificado como “arcaico”, “recreativo” e “psicoespirituais”.

Colocando em questão a centralidade e a hierarquia do discurso médico, quatro publicações (Peck, 2021; Benedito & Sanabria, 2024; Sanabria, 2025; Assis *et al.*, 2026) foram incluídas como referências pluralizantes do campo da renascença psicodélica. No artigo intitulado “O renascimento psicodélico: uma convergência entre o conhecimento indígena e a ciência”⁵ (Peck, 2021), o objeto da crítica é a estrutura dominante branca que exclui pessoas negras, indígenas e de outras minorias étnicas, bem como o racismo estrutural e a guerra às drogas, que criminalizam práticas indígenas ao mesmo tempo em que se apropriam delas.

Peck reivindica a inclusão de pessoas negras, indígenas e de outras minorias étnicas em todos os níveis da pesquisa e das intervenções no contexto dos psicodélicos, integrando o conhecimento indígena à ciência, em vez de extraí-lo. O artigo “(Des)provincializando o renascimento psicodélico do Brasil”⁶ (Benedito & Sanabria, 2024), critica o provincianismo do Norte Global, a ciência orientada por patentes e os modelos de ensaio clínico randomizados inadequados para medicamentos à base de plantas, que implicam na exclusão dos povos indígenas. Como contraproposta, o artigo propõe desprovincializar o renascimento psicodélico, defender a ciência pública, e construir alianças respeitosas entre os países do sul global.

O artigo intitulado “O ‘Espaço Selvagem’ da Ciência: a apropriação e o apagamento da ciência indígena no renascimento psicodélico”⁷ (Sanabria, 2025), aponta o discurso médico enquanto agente apagador da ciência indígena através da “Cota Selvagem”, ou seja, uma inclusão na pesquisa sem autoridade epistêmica. Como contraproposta, o artigo defende

⁵ Tradução própria para: *The psychedelic renaissance: a convergence of Indigenous knowledge and science. 2021*

⁶ Tradução própria para: *(De)provincializing the psychedelic renaissance from Brazil.*

⁷ Tradução própria para: *Science's "Savage Slot": the appropriation and erasure of Indigenous science in the psychedelic renaissance*

o reconhecimento do saber indígena como ciência, a adoção da “confluência” e do “diálogo lento e recíproco”.

O artigo intitulado “Da Renascença à confluência: um apelo por uma mudança de paradigma nos estudos psicodélicos”⁸ (Assis *et al.*, 2026), aponta que a metáfora renascentista apaga a continuidade do extrativismo científico e o domínio biomédico, bem como os efeitos da mercantilização, militarização e dos simbolismos que reproduzem a colonialidade. O artigo sugere uma mudança de paradigma para a confluência, baseada nos laços familiares vividos e na diplomacia cósmica que inclua a governança indígena.

Após essa breve contextualização da noção de renascença psicodélica, a partir da memória mazateca e de abordagens alternativas ao renascimento psicodélico médico, o próximo texto em tom de primeira pessoa, apresenta o relato de aproximação ao campo, em Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, realizada nos meses de junho e dezembro de 2025.

2. *Meter hongos, meter honguitos*

Essa etapa do texto contextualiza como apareceu para mim o assunto dos cogumelos, durante as duas idas a Huautla de Jiménez, em junho e dezembro de 2025 e como o assunto se ampliou para a sustentabilidade do pertencimento étnico à cultura mazateca. A aproximação ao campo, geralmente insuficiente em imersão para servir de referência na produção de conhecimento, será discutida por apresentar situações que justificaram uma proposta de pesquisa em educação patrimonial em construção, sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico à cultura mazateca.

Lá estava eu, no México, realizando a vontade de pesquisar sobre aprendizagens no contexto dos *niños santos*. Ainda no estado de Vera Cruz, reservei uma hospedagem com características bem locais e no dia 23/06/2025, à noite, saí da rodoviária de Xalapa para a rodoviária de Puebla, de onde eu pegaria um ônibus para Huautla de Jiménez, em um percurso de aproximadamente dez horas e trinta minutos de viagem.

No dia 24/06/2026, aproximadamente às cinco da manhã, acordei com o balanço do ônibus, indicando mudança geográfica do percurso para a zona montanhosa. A paisagem aos poucos se revelava, entre os primeiros raios de sol que atravessavam os picos, ainda escuros e

⁸ Tradução própria para: *From renaissance to confluence: a call for paradigm shift in psychedelic studies*.

misteriosos à primeira vista. Quarenta minutos depois, um frio na barriga acompanhava a descida da serra, ainda escura, coberta de neblina nas encostas das montanhas esverdeadas pela densa vegetação nativa e habitações concentradas na parte baixa, em Huautla de Jiménez. No caminho, na beira da estrada, volta e meia apareciam altares com cruzeiros, decorados com bandeirolas e flores. Com aparição muito recorrente, as beladonas⁹ de flores amarelas e brancas coloriam a estrada.

2.1. A primeira ida

Ao chegar na rodoviária de Huautla de Jiménez por volta das seis e meia da manhã, no dia 24/06/2025, haviam taxistas esperando e com um deles segui caminho, iniciando o primeiro diálogo local, no qual ele perguntou o que eu faria em Huautla. Respondi que estava interessado na cultura mazateca e perguntei o que havia de interessante para fazer. Ele me olhou nos olhos pelo retrovisor, juntou os dedos da mão direita enquanto dirigia com a esquerda, levou a mão em direção à boca e disse, “*meter hongos, meter hongos*”, sorrindo, sugerindo que eu comesse fungos.

Para checar a especificidade do comentário, respondi que “no Brasil comemos muitos fungos na pizza, na lasanha e no macarrão” e ele retificou, dizendo em tom alto, “não, não não, estou falando de fungos para alucinar!”¹⁰. Agradei ao motorista pela sugestão e ao chegar no destino, me dei conta que ficaria com uma família mazateca, por quem fui muito bem acolhido, com carinho e generosidade.

Ainda no dia 24/06/2025 pela tarde, interessado nos alimentos fermentados da cultura mazateca, desci rua abaixo em um dia chuvoso, rumo ao Mercado Erasto Pineda, para provar o *atole agrio*, uma comida indígena geralmente servida em velórios e em casamentos. Minha presença era inevitavelmente visível, observado por onde passava, destoando em altura, cor de pele, tipo de roupas e crescia a curiosidade sobre como eu era visto, até chegar ao mercado e ser abordado por um senhor, biotipo indígena, de pele escura, bem agasalhado para o dia frio, mas, com sandálias de dedos já velhas e um boné também velho, escondendo o seu rosto cabisbaixo, enquanto se aproximou discretamente, dizendo: “*honguitos, hongos*”?

⁹ Conhecida popularmente no México como *tolache*, as beladonas são plantas arbustivas do gênero *Datura*, associadas ao sagrado e ao perigo de morte, com flores e frutos ricos em alcalóides com poderosos efeitos alucinógenos. A planta possui belas e grandes flores que geralmente pesam e viram para baixo como sinos, podendo variar entre branco, amarelo e roxo, bem como nas bordas do cálice e da corola da flor.

¹⁰ Tradução própria para o comentário: *no, no, no, estoy hablando de hongos para alucinar*.

Nos apresentamos, perguntei para que eram os fungos, ele me chamou para um lugar mais discreto e respondeu que era para “cura espiritual”¹¹. Apesar do clima de extrema discrição, com o tom de voz baixo e desconfiado do meu interlocutor, conversamos um pouco sobre suas ofertas de ritual de cura com ervas e *honguitos*, agradei e segui em direção ao *atole agrio*, começando a entender como eu era visto, a partir daquela segunda abordagem se referindo aos *honguitos*, ou a *meter hongos*. O assunto era mais evidente do que eu imaginava, já no meu primeiro dia.

Todas as vendedoras ao redor me olhavam após pedir, das três opções, a maior porção de *atole agrio*, esperando a minha reação ao provar e riram ao ver que eu gostei da mistura de milho branco em caldo, fermentado, grãos de feijão cozidos sem caldo e um molho de gergelim com especiarias, servido em uma cuia de coité, ou cabaça. Impressionadas com minha aceitabilidade da bebida, incomum para um estrangeiro, perguntaram o que eu achei e comentei que senti falta do “ágrio”, entendendo que seria um milho fermentado e a vendedora comentou que elas trocaram a receita tradicional por mingau de milho menos fermentado, para facilitar a comercialização. Efeitos da mercantilização da cultura alimentar.

Com a vendedora comentei sobre a abordagem do vendedor de *hongitos* e ela reagiu surpresa, ao entender que eu não estava interessado neles, nem nos rituais de cura, me perguntando “o que então eu estaria fazendo em Huautla”. Expliquei que estava interessado no ponto de vista mazateco sobre o que representam os *honguitos* e ouvi, pela primeira vez, que “os fungos não podem ser mostrados para as pessoas”, criticando o processo de oferta e comércio. No diálogo também ficou evidente que eu estava sendo visto como mais um que chega até a Serra Mazateca em busca de experiências com fungos, narrado por ela como algo muito frequente.

Considerando que estávamos no mês de junho, em dias chuvosos e período em que a umidade alta do ar favorece a aparição dos cogumelos, interessado em observar o ecossistema dos mesmos e o sistema de coleta local, no dia 25/06/2025 acordei às cinco horas da manhã para uma caminhada de aproximadamente seis horas, baseada na localização do *psilocybe zapotecum*¹², e do *psilocybe mexicana*¹³, no mapa do site, *inaturalist.org*, em Huautla de Jiménez. Sem sucesso no encontro dos referidos cogumelos e sem avistar coletores, ao menos

¹¹ Tradução própria para: *sanación espiritual*.

¹² <https://www.inaturalist.org/taxa/206149-Psilocybe-zapotecorum#map-tab>

¹³ <https://www.inaturalist.org/taxa/206138-Psilocybe-mexicana#map-tab>

terminei com uma bela coleção de fotos de outras espécies e com a hipótese de um problema sócio ecológico, diante do sumiço dos *niños santos*, ou dos *honguitos*.

Retornando do *Cerro de la Adoración*¹⁴, tive o segundo encontro com uma pessoa que me ofertou *honguitos*, abrindo uma palha de bananeira com um conjunto de cogumelos enfileirados, com o píleo¹⁵ fechado. Agradei, lembrando da regra sobre não mostrar os cogumelos e pensei em que medida coletar cogumelos antes da dispersão dos esporos, pelo píleo ainda fechado, poderia impactar no processo de reprodução da espécie, mesmo considerando a propagação pela rede micelial¹⁶.

A parte superior do cogumelo, aquela que vemos o tempo todo, é chamada de fruto, ou esporóforo. Esta fruta é composta por um pedúnculo e uma tampa. O pedúnculo é capaz de absorver água, enquanto a principal função da tampa é desdobrar-se quando o fruto chega perto da maturidade e depois soltar esporos, a partir dos quais novos cogumelos crescem. A parte inferior do cogumelo, abaixo do solo, é chamada de micélio. O micélio é na verdade o próprio cogumelo, enquanto a parte superior é simplesmente a expressão da fruta. A função do micélio é coletar alimento para o cogumelo. Embora o fruto do cogumelo viva apenas algumas semanas ou até dias, o micélio é relativamente invencível; com comida suficiente e um meio de cultivo grande o suficiente, eles podem viver centenas de anos. (Haze, V.; Mandrake, 2016, p. 1, tradução própria)

Eu estava diante de um possível problema sócio-ecológico por insustentabilidade no processo de coleta. Interessado na interpretação mazateca sobre o que eu estava experienciando, após quatro dias sendo observado e abordado, declarando desinteresse na compra de fungos ou de rituais, fui sendo apresentado ao mais interessante, os olhares críticos locais sobre a mercantilização da tradição, a condição sócio econômica de quem coleta e sobre a insustentabilidade do extrativismo e comercialização dos fungos.

O diálogo com pessoas da comunidade mazateca, cujas identidades serão privadas, possibilitou o teste de algumas hipóteses e soluções. Uma delas declarou que, antes de me conhecer, chegou a pensar que eu poderia ser “mais um que vem até Huautla de Jiménez para observar como fazem os rituais de curandeirismo e retornar ao meu país para reproduzir”. Essa mesma pessoa concordou com a hipótese do sumiço dos fungos e comentou sobre a

¹⁴ O *Cerro de la Adoración* é um dos lugares de referência para a cultura Mazateca, localizado em Huautla de Jiménez. Trata-se de uma montanha rodeada por uma vegetação densa, considerada como o lar do *Chikon*, espírito dono da montanha, venerado, a quem deixam oferendas como sementes de cacau e velas em agradecimento, pedindo proteção e cura, após a peregrinação até o cume.

¹⁵ O “píleo” é um dos nomes dados à “cabeça”, ou à “tampa” do cogumelo que fica no topo do pedúnculo, ou o “talo” que o sustenta.

¹⁶ Geralmente os fungos se reproduzem por processos vegetativos ou por dispersão dos esporos, considerados como as “sementes” dos fungos. O micélio é uma estrutura vegetativa dos fungos que permite sua propagação por filamentos microscópicos chamados de hifas, que estabelecem relações simbióticas com plantas e animais, se espalhando pelos materiais orgânicos.

dificuldade dos curandeiros encontrarem para os rituais de cura tradicionais da comunidade. Conversamos também sobre algumas religiões recém chegadas na Serra Mazateca que demonizavam a tradição de curandeirismo e sobre a situação precária de catadores e catadores que tinham essa atividade como geração de renda.

Já no Brasil, após retornar, a análise da problemática seguiu à distância, em diálogo com pessoas do território mazateco, no qual propus uma oficina de coleta e cultivo de cogumelos, como alternativa para prevenção de impacto ambiental e geração de renda a catadores e catadoras em Huautla de Jiménez, proposta rejeitada por incompatibilidades com a cosmovisão do que significam os cogumelos para a cultura mazateca e por conta das restrições legais comuns entre o Brasil e México. Em ambos os países está proibida a coleta e o manejo fora do contexto indígena e a comercialização de cogumelos com psilocibina, ao passo em que a indústria farmacêutica avança com a pesquisa científica da “renascença psicodélica”, isolando seu o princípio ativo e colocando-o à disposição da indústria farmacêutica. O proibicionismo é seletivo e funciona como um dispositivo de controle econômico (Carneiro, 2018).

A segunda proposta, às e aos interlocutores, foi a oficina de educação patrimonial, aceita como forma de aproximação com a comunidade mazateca e a partir disso elaboramos um projeto de extensão que foi contemplado com recurso da Chamada Conjunta Para Redes De Extensão, Pesquisa, Inovação e Internacionalização - REPIN, da Universidade Estadual de Feira de Santana, possibilitando o retorno a Huautla de Jiménez no segundo semestre de 2025, em dezembro.

2.2. A segunda ida

Essa etapa do texto apresenta como a problemática inicialmente centrada no impacto do extrativismo de fungos e dos saberes a eles associados da primeira visita, se ampliou para sustentabilidade (Varine, 2013) do patrimônio cultural mazateco como um todo, a partir de dados gerados nas oficina de mapas de referências culturais e de uma “Conferência sobre Educação Étnico-referenciada em Huautla de Jiménez”, com foco na educação patrimonial e no inventário cultural participativo, para a contextualização de projetos pedagógicos, nas escolas públicas, primárias e secundárias locais.

A educação patrimonial e os inventários culturais participativos são abordagens pedagógicas (Scifoni, 2022) propostas no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico

Artístico e Cultural (IPHAN, 2016, 2025) do Brasil, uma tecnologia para a construção da identidade, cidadania e preservação da memória coletiva, com a participação das pessoas que vivem em territórios que constituem o patrimônio cultural brasileiro, a exemplo das populações afrodescendentes e indígenas.

A abordagem da Educação Patrimonial e dos Inventários Culturais Participativos (IPHAN, 2016, 2025) substituem a visão técnica centrada no pesquisador como inventariante da cultura de povos e comunidades tradicionais por uma construção coletiva, onde os detentores e as detentoras de saberes locais reconhecem seus bens culturais.

Lá estava eu, no dia 08/12/2025, hospedado com a mesma família mazateca que me acolheu na primeira vinda. O retorno a Huautla, para atividade organizada em parceria com a *Casa Adobe Galería* de Arte Mazateca, possibilitou a realização de três encontros. Primeiro realizamos uma oficina em dois encontros de 3 horas, intitulada, “o patrimônio cultural de Huautla de Jiménez: elaboração juvenil de mapas de referências culturais¹⁷”, em parceria com a Universidad Intercultural del Pueblo¹⁸ (UIP) e a Casa Adobe Galería de Arte Mazateca¹⁹.

No dia seguinte, 09/12/2025, pela manhã, estávamos nas instalações da Universidad Intercultural del Pueblo, com um grupo de alunos e alunas, em sua maioria indígenas vindo de localidades como Huautla de Jiménez, San Lucas Zoquiápam e San Mateo, agregando pessoas indígenas da etnia mazateca e mixteco. Com a participação do corpo docente da universidade, a atividade se desenvolveu em dois encontros, com o primeiro voltado para a elaboração da lista de bens culturais mazatecos e mixtecos, a partir das categorias, “objetos”, “lugares”, “saberes”, “formas de expressão” e “celebrações”. No mesmo encontro também foram desenhados mapas para a localização dos bens culturais no território de cada grupo, dentre os quais, dois apresentaram a situação de Huautla de Jiménez.

Realizamos também, no dia 12/12/2025, uma conferência sobre “educação étnico-referenciada em Huautla: inventário cultural participativo para a contextualização de

¹⁷ Tradução própria para: *El patrimonio cultural de Huautla de Jiménez: elaboración juvenil de mapas de referencias culturales*.

¹⁸ A *Universidad Intercultural del Pueblo* é uma instituição pública que oferece ensino superior gratuito e com proposta pedagógica voltada para a valorização da cultura local. A unidade de Huautla de Jiménez conta com grande número de alunos e alunas de comunidades mazatecas e mixtecas que vivem em Huautla de Jiménez e em outros municípios da redondeza. Maiores informações no site: <https://uip.edu.mx/>

¹⁹ A Casa Adobe é um Centro Cultural e Galeria dedicado à arte contemporânea mazateca, localizado em Huautla de Jiménez, Oaxaca, México. O espaço foi fundado em 2021 por Elías García Méndez, unido a um coletivo de pintores mazatecos.

projetos pedagógicos”²⁰ para professores e professoras da escola primária e secundária de Huautla de Jiménez, organizado pelo sindicato da categoria, em parceria com a Casa Adobe Galería de Arte Mazateca. No evento, tivemos a rica participação da pesquisadora Nidia A. Oliveira Hernández, da Universidad de Radboud, Países Baixos, apresentando a conferência intitulada “Maria Sabina e a Serra Mazateca a partir dos arquivos de Wasson e outras fontes históricas”²¹.

No encontro do dia 12/12/2025, durante a apresentação dos resultados do inventário cultural participativo realizado no estado de Veracruz, em parceria com a Universidade Veracruzana do México, professores e professoras das escolas públicas presentes na Serra Mazateca interagiram a partir de questões importantes. Uma delas foi a pergunta sobre o que fazer quando familiares de alunos e alunas mazatecos, principalmente os que estão em zona urbana, mencionam que querem que seus filhos estudem “assuntos para terem vida melhor que os pais” e que por isso ensinar a tradição não seria importante nas escolas.

Outra pessoa perguntou o que fazer quando alunos e alunas rejeitam atividades escolares que fazem referência à cultura mazateca, por serem filhos ou filhas de cristãos, principalmente protestantes. O ritual de cura com os cogumelos enquanto saber, os *Huehuentones* como forma de expressão e o *Dia de los Muertos* como celebração da cultura mazateca, foram os principais objetos contemporâneos de demonização em Huautla.

A apresentação dos dados do inventário cultural participativo realizado no território afro-mexicano, com fotos e descrições dos bens culturais, instigou docentes da escola primária e secundária atuantes em Huautla, instituições que enviaram carta de anuência, além da Casa Adobe, para apoiar um projeto de pesquisa sobre o que dificulta a sustentabilidade do pertencimento étnico à cultura mazateca, a partir do inventário cultural participativo.

No intervalo entre os encontros, no dia 11/06/2026, enquanto caminhava em direção ao Mercado Erasto Pineda em busca de um *pozole*²², encontrei com uma mulher indígena que se dirigiu a mim dizendo: - *honguitos, hongos?* Eu já havia esquecido do assunto dada a ampliação das problematizações do dia anterior e para a minha surpresa, além de perguntar se eu gostaria de comprar, ela abriu a mochila e mostrou os fungos dentro de um pote com mel,

²⁰ Tradução própria para: *Educación etnoreferenciada en Huautla, ponencia de educación patrimonial y inventario cultural participativo para contextualización de proyectos pedagógicos.*

²¹ Tradução própria para: *María Sabina y la Sierra Mazateca: desde los archivos Wasson y otras fuentes históricas.*

²² Uma das comidas mais saborosas e emblemáticas do México, que remonta o período pré-colombiano dos Astecas, o *pozole* é uma sopa feita à base de grãos de milho, carne de porco ou frango e especiarias.

explicando que esta era uma forma de conservar cogumelos coletados durante a época de chuva, entre junho e julho. Estávamos em dezembro. Impressionado com a tecnologia de conservação, agradei pela atenção, e segui em busca do *pozole*.

No segundo encontro com o corpo discente e docente da Universidad Intercultural del Pueblo, realizado no dia 15/12/2025, discutimos sobre o que dificulta a sustentabilidade dos bens culturais listados no encontro anterior. Os dados gerados nos dois encontros foram reservados para serem publicados como produto do inventário cultural participativo. Além de dados primários, esta aproximação ao campo também resultou na coleta de referências bibliográficas, sociológicas e antropológicas, indicadas por interlocutoras e interlocutores mazatecos que se solidarizaram com as minhas preocupações.

3. Comercialização, modernização e evangelização

A reunião da bibliografia discutida nesta etapa do texto, foi realizada durante a minha permanência em Huautla de Jiménez, nos meses de junho e dezembro de 2025, a partir de indicações de interlocutores e interlocutoras, para acessar à compreensão mexicana do contexto que eu estava problematizando. A discussão a partir da bibliografia destaca impactos sobre a cultura mazateca, dando ênfase a categorias analíticas como, “comercialização”, “modernização” e “evangelização”, recorrentes nas obras reunidas.

O primeiro livro indicado foi “Vida de Maria Sabina: a sábia dos fungos” (Estrada, 1984), de Álvaro Estrada, publicado em 1977. O segundo foi *el encanto discreto de la modernidad* (Jacorzynski; López, 2015), publicado em 2015, com uma coletânea de textos históricos, antropológicos e sociológicos, sobre o contexto mazateco do século XX ao século XXI. A terceira publicação indicada foi a tese de Citlali Venegas (2022), intitulada *Relacionalidad mediadora, alteridade y niños santos en la conformación de la ciudad mazateca de Huautla de Jiménez (Oaxaca)*, publicada em 2022.

Dentre os impactos sobre a cultura mazateca mencionados pela autora (Venegas, 2022), a mercantilização dos rituais sagrados é consequência da divulgação internacional que transformou práticas religiosas tradicionais em atração turística, situação comentada também por Boege (2015, p.7), especialmente no trecho: “as veladas (termo local para cerimônias que envolvem cogumelos psicoativos ou outras plantas) foram transformadas em mercadorias e

impulsionaram o desenvolvimento de serviços turísticos relacionados”²³. O livro *El encanto discreto de la modernidad*, dá ênfase à “índole mercantil” das *veladas* voltadas para visitantes externos.

Os livros (Estrada, 1984; Jacorzynski & López, 2015; Venegas, 2022) descrevem a visão dos mazatecos, de que os estrangeiros consomem de forma desrespeitosa os cogumelos, difamando Huautla de Jiménez e a tradição ritual mazateca. Associando o turismo à urbanização e à modernização, Boege (2015, p.7) afirma que “um processo de urbanização caótica teve início para uma pequena cidade agrícola.”²⁴, afirmação também encontrada em Venegas (2022).

A autora (Venegas, 2022, p. 28-124), apresenta as intervenções do Estado e os projetos de desenvolvimento e integração econômica como fonte de impactos sobre a cultura mazateca. A expansão da economia cafeeira, a construção de estradas, a ação indigenista estatal, a reorganização de políticas locais e os projetos de desenvolvimentos regionais, são acontecimentos citados como importantes geradores de impacto sobre a cultura mazateca.

Os detalhes do processo de modernização são comentados por Boege (2015, p. 7, tradução própria), destacando os efeitos da desapropriação territorial e construção da *Represa Miguel Alemán*, afirmando que, “o povo mazateca sofreu a expropriação violenta de suas terras ancestrais pelo Estado mexicano para a construção de uma das primeiras usinas hidrelétricas de grande porte”²⁵, mencionando que houve “expulsão forçada de mais de 20.000 pessoas mazatecas de seu território”, nas décadas de 50 e 60. A descaracterização cultural, a migração, a ruptura de vínculos territoriais e a necessidade de reterritorialização, foram consequências importantes ressaltadas por Boege (2015).

O mesmo autor (Boege, 2015, p. 8) menciona os estudos do Instituto Linguístico de Verano, sobre as línguas indígenas nos anos 50 e 60, para traduzir a bíblia e promover a evangelização, que contribuiu com o enfraquecimento das práticas tradicionais mazatecas, substituindo as referências cosmológicas tradicionais por valores cristãos, ocidentais.

²³ Tradução própria para: *las veladas (término local con que se designa a las ceremonias con los hongos psicoactivos u otras plantas) se transformaron en mercancías e impulsaron el desarrollo de servicios turísticos afines.*

²⁴ Tradução própria para: *se desencadenó... un proceso de urbanización caótica para una pequeña ciudad agraria.*

²⁵ Tradução própria para: *los mazatecos sufrieron el despojo violento de sus tierras ancestrales por parte del Estado mexicano para construir una de las primeras grandes hidroeléctricas.*

Relacionando as três obras a partir das categorias de “comercialização”, “modernização” e “evangelização”, encontramos em Estrada (1989) a afirmação de que a divulgação dos saberes, dos objetos e rituais sagrados mazatecos por Gordon Wasson foi um acontecimento determinante para a atual mercantilização de elementos da cultura mazateca. No livro *El encanto discreto de la modernidad*, Rodríguez (2015, p. 73) afirma que os rituais passam a fazer parte da programação turística de Huautla, ao comentar que, “seja inegável a índole mercantil das veladas para os estrangeiros”²⁶, inserindo práticas religiosas tradicionais em uma lógica econômica.

Venegas (2022, p. 254) também pontua a centralidade do turismo e das relações comerciais entre mazatecos e forasteiros, ao comentar que “as estadias curtas não permitem o fortalecimento dos laços entre estrangeiros e locais, configurando relacionamentos que são baseados principalmente em trocas comerciais”²⁷. A autora comenta que alguns setores da cidade passam a classificar visitantes de acordo com as possibilidades de conveniência econômica.

A partir da categoria de modernização, as três obras (Estrada, 1989; Jacorzynski & López, 2015; Venegas, 2022) apontam a abertura de estradas, a expansão do mercado, o turismo, a urbanização e a incorporação de Huautla ao projeto nacional mexicano, como acontecimentos importantes. Boege (2015) associa modernização ao turismo e à reorganização econômica da cidade. Venegas (2022, p. 233) descreve Huautla como espaço de coexistência entre o mundo tradicional e a modernidade, ao afirmar que “esta cidade mazateca estava aberta a abraçar a modernidade da qual as pessoas de pele clara fugiam, era o principal ponto de mediação entre o mundo serrano e o exterior.”²⁸.

Em relação à categoria de evangelização, as referências apresentam um processo de transformação cultural associado à ação da igreja católica e às missões protestantes, em Huautla de Jiménez. Estrada (1989, p. 102) apresenta a fusão dos elementos da cultura Mazateca com o cristianismo, sem eliminar completamente os saberes indígenas, recordando a fala de Maria Sabina, de que “sou conhecida no céu, e até o Santo Papa sabe que eu existo”.

²⁶ Tradução própria para: *es innegable la índole mercantil de las veladas para los fuereños.*

²⁷ Tradução própria para: *las estancias cortas no permiten el estrechamiento de lazos entre foráneos y locales, por lo que las relaciones se basan principalmente en el intercambio comercial*

²⁸ Tradução própria para: *Esta ciudad mazateca estaba abierta a incorporar esa modernidad de la que huían los güeros, era el principal espacio de mediación entre el mundo serrano y afuera.*

Boege (2015, p. 8) apresenta a evangelização como parte do processo de integração dos povos indígenas ao projeto nacional e ocidental, ao afirmar que “eles estudaram línguas indígenas para depois traduzir a Bíblia e ‘neoevangelizar’”. O autor comenta que na época circulava uma publicação de referência para uma modernização contra os costumes indígenas, intitulada *Mushroom Ritual versus Christianity*, de linguistas do Instituto Lingüístico de Verano. Venegas (2022) também afirma que o universo ritual mazateco contemporâneo é resultado de um processo de mediação entre cosmologias indígenas e elementos cristãos introduzidos pela evangelização.

Chama atenção o fato de nenhuma das três referências mencionar o fenômeno da demonização e da não participação de mazatecos em práticas tradicionais em escolas, por orientação de vertentes do cristianismo que incitam à conduta de intolerância e racismo religioso. A pouca atenção dada à condição racial, social e econômica dos e das catadoras de fungos, no varejo do turismo psicodélico local também chamou atenção nas publicações analisadas. As leituras, feitas após a experiência de aproximação ao campo, possibilitaram aprendizados sobre o contexto dos fungos sagrados, os *niños santos*, ampliando horizontes para o problema da sustentabilidade dos bens culturais mazatecos como um todo.

Considerações finais

O que renasce no contexto dos psicodélicos a partir do século XXI, traz à tona o que, para o contexto indígena mazateco de Huautla de Jiménez, Oaxaca, México, é memória de extrativismo científico (Estrada, 2015) e de impacto do turismo psicodélico, ao passo em que investimentos financeiros importantes são feitos nas pesquisas contemporâneas sobre o uso da psilocibina (Haze & Mandrake, 2016), no mainstream da medicina e da psicologia.

A discussão sobre os impactos do extrativismo dos cogumelos da espécie *psilocybes cubensis* e dos saberes mazatecos, em Huautla de Jiménez, ajudam a situar o discurso da renascença psicodélica, para quem e para além do renascimento psicodélico médico, que impulsiona a discussão na contemporaneidade em busca de distinção, neutralidade, centralidade e autoridade.

As contraposições à renascença psicodélica, reduzida ao discurso médico, têm sugerido inclusão de pessoas negras, indígenas e de outras minorias étnicas em todos os

níveis da pesquisa, defesa da ciência pública e das alianças respeitosas entre os países do Sul, bem como o reconhecimento do saber indígena como ciência, a adoção da “confluência” ao invés da “renascença”, do “diálogo lento e recíproco”, e da governança indígena.

Desafios como a memória do extrativismo, a folclorização, a mercantilização e demonização dos bens culturais mazatecos, especialmente os fungos, os rituais de cura com uso dos fungos e os *Huehuentones*, uma forma de expressão cultural associada à celebração do *Dia de los Muertos*, foram apontados como tão problemáticos quanto o desconhecimento e a desvalorização escolar dos referenciais culturais mazatecos.

Esse étnico-referenciamento da renascença psicodélica abre, para o campo da educação patrimonial, a possibilidade de inventariar culturas em contextos de uso de substâncias psicoativas, historicamente marcadas pela perspectiva proibicionista, a partir do Século XIX, a exemplo da cultura mazateca de Huautla de Jiménez.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Glauber Loures de; KAMBEBA, Adana Omagua; LIMA, Jairo; DE BORTOLI, Cristiane; MONTGOMERY, Caspar; RUFFELL, Simon; RODRIGUES, Jacqueline. From renaissance to confluence: a call for paradigm shift in psychedelic studies. **Psychedelics**, [S.l.], v. 3, 2026. Artigo 100010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psyche.2026.100010>

BENEDITO, Pietro; SANABRIA, Emilia. Psychedelic nation? (De)provincializing the psychedelic renaissance from Brazil. **Science, Technology, & Human Values**, v. 51, n. 3, p. 475-502, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/01622439241300210>.

BOEGE, Eckart. Prólogo. In: JACORZYNSKI, Witold; RODRÍGUEZ, María Teresa (eds.). **El encanto discreto de la modernidad**. Los mazatecos de ayer y hoy. México: CIESAS, 2015, p. 06-11.

CARNEIRO, Henrique. **Drogas: a história do proibicionismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

ESTRADA, Álvaro. **A vida de Maria Sabina: a sábia dos cogumelos**. Tradução de Beatriz Perrone Morisés. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GIFFORT, Danielle. **Acid revival: the psychedelic renaissance and the quest for medical legitimacy**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. 245 p. ISBN 978-1-5179-0672-6.

HAZE, V.; MANDRAKE, K. **The Psilocybin Mushroom Bible: the definitive guide to growing and using magic mushrooms**. Oakland: Green Candy Press, 2016

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação.** Brasília, DF: Iphan, 2016.

_____. **Educação patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação.** 2. ed. Brasília: Iphan, 2025.

JACORZYNSKI, Witold; RODRÍGUEZ LÓPEZ, María Teresa (Ed.). **El encanto discreto de la modernidad: los mazatecos de ayer y hoy.** México: CIESAS, 2015.

PECK, Ronan K. **The psychedelic renaissance: a convergence of Indigenous knowledge and science.** 2021. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bachelor of Arts in Psychology) – Portland State University, Portland, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15760/honors.1171>

RODRÍGUEZ, María Teresa. “Es tiempo del reverdecimiento de nuestra tradición”. Modernidad indígena en Huautla de Jiménez, Oaxaca. In: JACORZYNSKI, Witold; RODRÍGUEZ, María Teresa (eds.). **El encanto discreto de la modernidad: los mazatecos de ayer y hoy.** México: CIESAS, 2015, p. 70-86.

SCIFONI, Simone. PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: O QUE HÁ DE NOVO?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/es.255310>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANABRIA, Emilia. **Science's "Savage Slot": the appropriation and erasure of Indigenous science in the psychedelic renaissance.** *Psychedelics*, [S.l.], 2025. Artigo 100003. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psyche.2025.100003>.

SESSA, Ben. **The psychedelic renaissance: reassessing the role of psychedelic drugs in 21st century psychiatry and society.** [S.l.]: [s.n.], 2012. 250 p.

VARINE, Hugues. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Porto Alegre, RS: Medianiz, 2013.

VENEGAS, Citlali Rodriguez. **Relacionalidad Mediadora, Alteridad y Niños Santos en la conformación de la ciudad mazateca de Huautla de Jiménez.** 2022. 337 f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) Instituto de Investigaciones Históricas Dr. Emiliano Zolla Márquez, Universidad Iberoamericana, Ciudad de México, 2022.